

A PAIDERASTIA SOB O HISTORICISMO DE WERNER JAEGER



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1638>

Daniel Barbo

Doutor em História pela UFMG e Professor Colaborador da UFAL

danielbarbo@yahoo.com.br



<https://orcid.org/0000-0001-7434-3098>

Recebido em: 06/08/2015 – Aceito em 10/09/2015

Resumo: Este texto faz uma análise do modo historicista com que o historiador alemão Werner Jaeger, nas décadas de 1930 e 1940, aborda o homoerotismo grego (paiderastia) e sua relação com a pedagogia em sua obra *Paidéia*, a formação do homem grego.

Palavras-Chaves: Homoerotismo Grego, Historicismo, Werner Jaeger

Abstract: This text analyzes the historicist manner with which the German historian Werner Jaeger, in the 1930s and 1940s, addresses the Greek homoeroticism (paiderastia) and its relation to pedagogy in his work *Paideia*, the ideals of the Greek culture.

Key-words: Greek Homoeroticism, Historicism, Werner Jaeger

Introdução

A partir da década de 1910, um longo e rico debate sobre o homoerotismo grego permeou a historiografia da sexualidade. Podemos encontrar em sua construção diversas abordagens, com múltiplos propósitos. Durante o século XX, delineiam-se duas matrizes historiográficas principais: O Essencialismo e o Construcionismo.

Desde Erich Bethe e Kiefer (1908), passando por J.-H.-E. Meier e L.-R. Pogey-Castries (1930) Werner Jaeger (1936), D. M. Robinson (1937), Henri-Irenée Marrou (1948), Marie Delcourt (1956), Robert Flacelière (1960), Michel Foucault (1976, 1984), Kenneth J. Dover (1978), Felix Buffière (1980), John Boswell (1980, 1994), Pierre Vidal-Naquet (1981), Jacques Mazel e Bernard Sergent (1984), Gabriel Herman (1987), Eva Cantarella (1988), David M. Halperin, John Winkler, Jean-Pierre Vernant e Golden Mark (1990), Jan Bremmer e Giuseppe Cambiano (1991), Martin F. Kilmer (1993), William A. Percy III (1996), Thomas K. Hubbard (2000, 2003), H. A. Shapiro, David B. Dodd, S. Sara Monoson (2000), dentre vários outros, o caminho é longo e amplo em debates. Verificamos que a abordagem Essencialista, uma das primeiras formas de analisar o homoerotismo grego, numa longa duração, percorre todo o século XX e XXI. Portanto, a partir da década de 1980, com o surgimento da abordagem Construcionista, com forte inspiração foucaultiana e pós-moderna, as duas abordagens dividem o campo de análise do fenômeno grego.

Entretanto, entre autores essencialistas e construcionistas, há que se fazer uma menção à monumental obra *Paideia, Die Formung des Griechischen Menschen* do historiador alemão Werner Jaeger. Um clássico da historiografia grega publicado em três volumes (primeiro volume em 1933, segundo volume em 1943 e terceiro volume em 1944) (PARK, 1984:152) e referência fundamental para a com-

preensão do complexo processo educacional codificado na *paidéia*, termo que cristaliza uma série de noções, procedimentos, empreendimentos, operando tradições e inovações que envolvem e interconecta a esfera cultural e a pedagógica; enfim, o que se pode chamar, traduzindo o termo de forma simplificadora, de educação grega. “Moses Finley registra, embora imerso em misturados sentimentos, que o efeito de Jaeger nos classicistas de sua geração fora impressionante” (PARK, 1984:152).

Para tal envergadura e escopo, *Paidéia* fornece necessariamente um vasto panorama das obras e dos autores gregos dos mais variados gêneros literários, percorrendo os períodos arcaico e clássico, de Homero a Demóstenes. E para falar da educação grega é imprescindível que se toque no tema da *paiderastia*, o que Jaeger o faz de forma sublime, no que se refere ao seu aspecto pedagógico, mas cautelosa e um tanto veladamente, no que se refere ao seu aspecto erótico, carnal.

Werner Wilhelm Jaeger foi um grande classicista da primeira metade do século XX. Nasceu em Lobberich em 1888. Depois de estudar na Universidade de Marburg, recebeu, em 1911, o título de Ph.D. da Universidade Humboldt de Berlim com uma dissertação sobre a metafísica de Aristóteles. Com 26 anos, foi para a Suíça, chamado para lecionar na Universidade de Basel. Um ano depois, lecionou em Kiel. Em 1921, retornou a Berlim onde começou a escrever sua *magnum opus* sobre a *paidéia*, permanecendo nesta cidade até 1936, quando emigrou para os Estados Unidos devido aos problemas que lhe causou o regime de Adolf Hitler: como sua esposa era judia, a legislação nazista o proibiu de lecionar na Universidade.

Porém, enquanto ainda vivia na Alemanha, inspirando-se em Erasmo e Goethe, Jaeger tentou fundar um ‘Terceiro Humanismo’, mais político:

Todo o futuro humanismo deve estar essencialmente orientado para o fato fundamental de toda a educação grega, a saber: que a humanidade, o ‘ser do homem’ se encontrava essencialmente vinculado às características do Homem como ser político. (JAEGER, 1986:12)

Esta tentativa sofreu ataques devido a sua ambiguidade: Jaeger tentou acomodar seu humanismo ao regime nazista, no qual atuou como porta-voz do Terceiro Reich nos limites do campo do classicismo, tornando-se uma espécie de ativista desta herança na formação da cultura alemã. Nesta tentativa, Jaeger, por exemplo, discursou na festa da fundação do Reich, na Universidade de Berlim, em 1924, com o tema *Die Griechisch Staatsethik im Zeitalter des Plato*.

Para uma análise historiográfica do homoerotismo grego é fundamental levar em consideração a obra *Paideia* pelo fato de que o campo teórico-metodológico de Jaeger nesta obra fundamenta-se no que podemos chamar de *Historismo Alemão Clássico*, frequentemente denominado *Historicismo*, vertente da cultura histórica alemã criada no século XIX em contraposição à vertente da cultura histórica francesa, com raízes no pensamento iluminista, vitoriosa após o movimento revolucionário de 1789. Estas vertentes se contrapuseram num contexto de rivalidade intelectual e nacionalista entre a França e a Alemanha no desenrolar do século XIX:

O historicismo foi usado como arma de combate pelos fundadores do Estado nacional alemão contra o expansionismo francês. O romantismo historicista visava vencer a predominância da cultura francesa. E fazer convergir sentimento da história e sentimento da nação independente. (REIS, 2003:211)

O historicismo nasceu num contexto político alemão de ênfase da nação. Naquele momento, para esses historiadores, “o povo é uma comunidade cujas raízes mergulham no passado” (REIS, 2003:211). Sendo assim,

o historicismo não foi apenas uma formulação teórica sobre a história [...]. O papel político do historicismo seria o de defender os direitos locais alemães contra o expansionismo nacionalista francês oculto sob seu discurso universalista. (REIS, 2003:211)

Com efeito, essa arma política, nos embates do século XIX, mas também no contexto da década de 1930, via na história um meio eficaz para a educação nacional, “para renovar e consolidar o espírito comum aos membros de uma nação.” (REIS, 2003:211) Nada mais propício para a Alemanha em reconstrução, após a Primeira Guerra Mundial, que o tema que lhe ofereceu Jaeger: a educação dos heróis codificada particularmente no conceito de areté; a encarnação da mais alta direção da nação na trindade grega do poeta (ΠΟΙΗΤΗΣ), do Homem de Estado (ΠΟΛΙΤΙΚΟΣ) e do sábio (ΣΟΦΟΣ). Ele acreditava que seu estudo sobre a paidéia restituiria a uma Europa decadente do começo do século XX os valores de suas origens helênicas:

Precisamente num momento histórico em que, pela própria razão de seu caráter epigonal, a vida humana se encolheu na rigidez da sua carapaça em que o complicado mecanismo da cultura se tornou hostil às virtudes heroicas do Homem, é preciso, por profunda necessidade histórica, voltar os olhos para as fontes de onde brota o impulso criador do nosso povo, penetrar nas camadas profundas do ser histórico em que o espírito grego, estreitamente vinculado ao nosso, deu forma à vida palpitante que ainda em nossos dias se mantém, e eternizou o instante criador da sua irrupção. (JAEGER, 1986:6-7)

Com tal aporte teórico, a abordagem da pederastia grega empreendida na *Paidéia* não se conforma, em nenhum sentido, com a abordagem essencialista da erótica grega. Trata-se de uma forma muito diferente de análise histórica. Em suas origens, o embate entre o modelo francês (filosofia, racionalismo, natureza humana, valores e direitos universais, humanidade trans-histórica) e o alemão (história¹, homem-devir, individualidade em desenvolvimento², relatividade dos valores³), modelos antagônicos, deuse, segundo Reis, por que

A principal consequência da Revolução Francesa, durante o século XIX, foi uma mudança profunda na percepção do tempo, que levou à redescoberta da história. Esse evento complexo revelou a história em duas direções: do presente ao passado, do presente ao futuro. A história foi redescoberta seja como produção do futuro, seja como reconstrução do passado. O revolucionário tempo burguês, acelerado em direção ao futuro, utópico, confiante na Razão e na capacidade dos homens de fazerem a história, encontrou a resistência de um tempo aristocrático, desacelerado, retrospectivo, refle-

¹Sobre a sua concepção de história, JAEGER, 1986, p. 5, diz o seguinte: “Ao dizermos que a nossa história começa na Grécia, precisamos adquirir uma consciência clara do sentido que neste caso damos à palavra ‘história’. História significa, por exemplo, a exploração de mundos estranhos, singulares e misteriosos. Assim a concebeu Heródoto. Também hoje, com aguda percepção da morfologia da vida humana em todas as suas formas, nós nos aproximamos dos povos mais remotos e procuramos penetrar no seu espírito próprio. Mas é preciso distinguir a história neste sentido quase antropológico da história que se fundamenta numa união espiritual viva e ativa e na comunidade de um destino, quer seja o do próprio povo, quer o de um grupo de povos estreitamente unidos. Só nesta espécie de história se tem uma íntima compreensão e contato criador entre uns e outros. Só nela existe uma comunidade de ideais e de formas sociais e espirituais que se desenvolvem e crescem independentes das múltiplas interrupções e mudanças através das quais varia, se cruza, choca, desaparece e se renova uma família de povos diversos na raça e na genealogia. Essa comunidade existe na totalidade dos povos ocidentais e entre estes e a antiguidade clássica. Se considerarmos a História neste sentido profundo, no sentido de uma comunidade radical, não podemos supor-lhe como cenário o planeta inteiro e, por mais que alarguemos os nossos horizontes geográficos, as fronteiras da ‘nossa’ história jamais poderão ultrapassar a antiguidade daqueles que há vários milênios traçaram o nosso destino.”

²Sobre a herança grega da construção da individualidade para o Mundo Moderno, JAEGER, 1986, p. 7, diz o seguinte: “Dissemos que a importância dos Gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade. E, com efeito, se contemplarmos o povo grego sobre o fundo histórico do antigo Oriente, a diferença é tão profunda que os Gregos parecem fundir-se numa unidade com o mundo europeu dos tempos modernos. E isto chega ao ponto de podermos sem dificuldade interpretá-los na linha da liberdade do individualismo moderno. [...] E teria sido possível a aspiração do indivíduo ao valor máximo que os tempos modernos lhe reconhecem, sem o sentimento grego da dignidade humana? [...] É historicamente indiscutível que foi a partir do momento em que os Gregos situaram o problema da individualidade no cimo do seu desenvolvimento filosófico que principiou a história da personalidade europeia.”

³Sobre a relatividade dos valores, JAEGER, 1986, p. 7, diz o seguinte: “Mas não podemos entender de modo radical e preciso a posição do espírito grego na história da formação dos homens, se tomarmos um ponto de vista moderno. Vale mais partir da constituição rática do espírito grego.”

xivo, meditativo, contemplativo, que desconfiava da Razão e suspeitava dos seus pretensos portadores e parceiros do futuro. A Revolução Francesa aprofundou a divisão dos homens entre *revolucionários* e *conservadores* – entre cultuadores da história como produção do futuro e cultuadores da história como reconstituição fiel do passado. (REIS, 2003:207)

Conservador e tradicionalista, esse segundo sentido da história “foi revelado pelo italiano Giambattista Vico e se radicalizou com a Escola Histórica alemã e os historicistas, nos séculos XIX e XX” (REIS, 2003:208). Werner Jaeger é herdeiro desta tradição, evidência que se constata com a leitura de sua principal obra. Em sua análise da *Paidéia*, ele não faz especulações sistemáticas e abstratas. Faz o estudo dos dados empíricos, dos fatos particulares:

o objetivo deste livro é apresentar a formação do homem grego, a *paidéia*, no seu caráter particular e no seu desenvolvimento histórico. Não se trata de um conjunto de ideias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital. (JAEGER, 1986:5)

Ele faz o estudo de uma tradição. Os historicistas “queriam apreender o gênio de um povo, que aparecia em suas instituições, costumes, valores e biografias.” (REIS, 2003:209-210) É exatamente esta a apreensão que Jaeger faz na *Paidéia*.

Quanto à ‘relatividade dos valores’, no que tange, por exemplo, à não universalidade do conceito de liberdade, Jaeger, em uma de suas poucas remissões a obras teóricas⁴, cita a obra *Geschichte Europas im neunzehnten Jahrhundert* de Benedetto Croce, o continuador de Giambattista Vico, expoentes do historicismo italiano, para explicar que

Com efeito, nesta época [de Sócrates], a palavra “livre” (ἔλευφένος) é primordialmente o que se opõe à palavra escravo (δοῦλος). Não tem aquele sentido universal, indefinível, ético e metafísico, do moderno conceito de liberdade, que nutre e informa toda a arte, toda a poesia e toda a filosofia do séc. XIX. (JAEGER, 1986:380)

Já para a relação existente entre o Górgias e o Protágoras, Jaeger, afirmando que a fórmula “vida e poesia”, tirada da lírica moderna, não servia para interpretar os diálogos de Platão, remete-nos à relação entre o ponto de vista do filólogo clássico Wilamowitz e o livro do historiador Wilhelm Dilthey intitulado *Vida e Poesia*. (JAEGER, 1986:447)

Jaeger também explora, a respeito de Demóstenes e da agonia e transformação da cidade-estado, a *Geschichte Alexanders des Grossen*, obra da juventude de Droysen, mas principalmente a sua *Geschichte des Hellenismus*, obras que ele considerava brilhantes, afirmando o seguinte sobre este autor:

É certo que o primeiro grande representante do novo ponto de vista histórico nas investigações da Antiguidade, Barthold Niebuhr, era ainda um dos mais convictos admiradores de Demóstenes, mas com Gustav Droysen já rompe caminho, vigorosamente, a crítica contra esta figura histórica. Serve-lhe de ponto de partida a transcendente descoberta do mundo helenístico. (JAEGER, 1986:941-942)

Segundo Reis, Georg G. Iggers considerou Johann Gustav Droysen responsável por uma das formulações mais avançadas sobre o historicismo, sendo um dos autores

⁴Poucas, que fique claro, relativamente à enormidade de citações de fontes gregas e à extensão da obra, com quase mil páginas na tradução para o português.

que “colocaram a história no centro de um processo de historicização geral nascido da experiência da Revolução Francesa e das mudanças que ela sugeriu na percepção do tempo.” (REIS, 2003:225)

Tratando do pensamento filosófico e da descoberta do cosmos no período que ele denominou a Primeira Grécia, Jaeger investiga o pensamento de Parmênides. Ao tentar entender a estrutura de sua obra, ele afirma:

[...] Parmênides é poeta pelo entusiasmo com que julga ser o portador de um novo tipo de conhecimento, por ele considerado, ao menos em parte, a revelação da verdade. É algo completamente diferente do procedimento ousado e pessoal de Xenófanos. O poema de Parmênides está impregnado de uma altiva modéstia. E a sua exigência é tanto mais rigorosa e inexorável quanto ele se reconhece um simples servo e instrumento de uma força mais alta que contempla com veneração. Encontra-se no prólogo a confissão imorredoura desta inspiração filosófica. Se atentarmos bem para isso, veremos que a imagem do “homem sábio” que caminha para a verdade procede da esfera religiosa. [...] O “homem sábio” é a pessoa consagrada aos mistérios da verdade. Compreende-se com este símbolo o novo conhecimento do Ser. O caminho que o conduz “intacto” – afirmo – ao seu fim, é o caminho da salvação. (JAEGER, 1986:152)

Neste exato ponto do texto, Jaeger confessa sua conformidade com o pensamento de Meinecke, numa nota de rodapé:

Muitas vezes tem sido feita a observação de que o caminho da verdade que conduz o homem sábio “através das cidades” (κατὰ πάντ’ ἄστυ φέρει εἰδότα φῶτα) é uma imagem impossível, a conjectura de WILAMOWITS κατὰ πάντα τατῆ é pouco satisfatória; κατὰ πάντ’ ἄσινῆ é a emenda que proponho, a qual, como mais tarde verifiquei, já tinha sido encontrada por MEINECK. (JAEGER, 1986:152, nota 35)

Na cultura histórica alemã, Friedrich Meinecke e Wilhelm Dilthey foram grandes nomes do historicismo que se seguiram aos historiadores do século XIX, Leopold von Ranke e Johann Gustav Droysen, pioneiros e notáveis expoentes desta vertente da escrita da história. Concluindo, a *Paidéia* dialoga loquazmente com os grandes nomes do historicismo, campo historiográfico que modela toda a obra de Jaeger.

Entretanto, não podemos aqui esmiuçar toda a inspiração historicista que se aflora nessa obra de extensão e importância extraordinárias. Limitar-nos-emos, portanto, o que é o fulcro de nossas investigações, ao modo como o historicismo de Jaeger pensou a pederastia grega.

Tratando da codificação da tradição pedagógica aristocrática, Jaeger faz uma referência à originalidade da poética de Teógnis, no que tange à formação integral dos nobres, opondo-a consciente e completamente à tradição rural codificada nos *Erga* de Hesíodo e às máximas de Focílides:

O jovem a quem se dirige está ligado ao poeta pelos laços do *eros*. É evidente que estes formam, para o poeta, o pressuposto essencial da sua relação educadora. A sua união deve apresentar algo de típico aos olhos da classe que ambos pertencem. (JAEGER, 1986:165)

Mais de 40 anos antes de Kenneth Dover, Jaeger já havia constatado a amplitude da difusão do fe-

nômeno pederástico entre os gregos e a sua importância na pedagogia desse povo. E a tese da disseminação do fenômeno a partir dos dórios também está presente em sua argumentação:

É significativo que da primeira vez que encaramos de perto a cultura da nobreza dórica nos surja o eros masculino como fenômeno de importância tão decisiva. Não queremos entrar na discussão de um problema tão debatido em nossos dias. Não é nossa intenção descrever e estudar por si mesmo a situação social. Importa apenas mostrar como este fenômeno tem o seu lugar e a sua raiz na vida do povo grego. Não se deve esquecer que o eros do homem pelos jovens ou adolescentes era um elemento histórico essencial na constituição da primeira sociedade aristocrática, e inseparavelmente vinculado aos seus ideais éticos e à sua posição. Falou-se de amor dórico pelos adolescentes. É perfeitamente justificada a atribuição, pois aquela prática sempre foi mais ou menos alheia ao sentimento popular dos Jônios e dos Áticos, como a comédia, principalmente, o revela. As formas de vida das classes superiores transmitem-se naturalmente à burguesia rica. Assim também o παιδικός ἔρως. Mas os poetas e legisladores atenienses que o mencionam e exaltam são sobretudo nobres, desde Sólon – em cujos poemas o amor dos adolescentes aparece ao lado do amor das mulheres e dos esportes nobres como um dos maiores bens da vida – até Platão. Sempre a nobreza helênica esteve profundamente influenciada pelos Dórios. Apesar de amplamente difundido, já na Grécia e nos tempos clássicos, esse eros foi objeto das mais diversas apreciações. Explica-se isto pela sua dependência de determinadas condições sociais e históricas. A partir deste ponto de vista é fácil de compreender como esta forma erótica foi tida por degradante em vastos círculos da vida grega, enquanto em outras camadas sociais teve grande expansão e esteve vinculada às mais altas concepções sobre a perfeição e a nobreza humanas. (JAEGER, 1986:165-166)

Parece-nos insustentável, no entanto, que a comédia ática possa ser usada como comprovação de que a *prática sempre foi mais ou menos alheia ao sentimento popular dos Jônios e dos Áticos*. Em nossa compreensão, como já tivemos a oportunidade de expor nossos argumentos ao refutar essa mesma tese infundada repetida em 1960 na obra *L'Amour en Grèce* de Flacelière, esse gênero literário grego, pelo menos no que diz respeito ao mais influente dos comediógrafos gregos, não permite tirar tal conclusão.

Embora em nenhum momento de sua obra Jaeger exponha de forma explícita a questão da implicação puramente carnal desta prática pedagógica, a sua análise não o impede (e nem a nós) de pressupor ou admitir a sua existência, bem como não o leva a remeter esta admitida implicação implícita (o ato erótico propriamente dito) ao *status* de uma prática erótica ilegítima, torpe ou vil. Ao mencionar a importância desse eros entre os espartanos, Jaeger diz:

Foi com plena consciência que o Estado espartano considerou o eros um importante fator da sua ἀγωγή [agogé]. E a relação do amante com o amado podia ser comparada à autoridade educadora dos pais em relação aos filhos. Aliás, até mesmo a superava em múltiplos aspectos, na idade em que o jovem começava a libertar-se da tradição e da autoridade familiar e atinge a maturidade viril. Ninguém pode duvidar das numerosas afirmações desta força educadora, cuja história atinge o apogeu no Banquete de Platão. A doutrina da nobreza, em Teógnis, que mergulha a raiz no mesmo círculo de vida, nasce integral-

mente deste impulso educador cujo aspecto erótico facilmente esquecemos, devido à sua apaixonada gravidade moral. (JAEGER, 1986:166)

Facilmente esquecemos! Tudo indica que Jaeger se refere aqui aos que, em seu tempo, debruçaram-se sobre a matéria da pederastia grega e não quiseram ou puderam iluminar seu aspecto carnal devido a sua *gravidade moral*. O autor não se manifesta a respeito do que ele chama *apaixonada gravidade moral*. Ficamos sem saber qual a sua real posição no tocante a esse aspecto. Mas, devemos insistir, não há nenhuma indicação em sua escrita historiográfica de que ele considere o ato homoerótico, na Grécia Antiga ou na Modernidade, imoral, insano ou doentio. É um indício disto a sua afirmação de que:

É fácil de compreender como pôde surgir a franca admiração por uma figura distinta, uma educação adequada e um movimento nobre, numa raça de homens acostumados, desde tempos imemoriais, a considerar estes valores como a mais alta excelência humana, e que, numa luta incessante, se tinham esforçado, com sagrada seriedade, por levar as forças do corpo e da alma à sua maior perfeição. No amor pelos que tinham aquelas qualidades havia um elemento ideal: o amor à *areté*. Os que estavam unidos aos *eros* sentiam-se protegidos contra qualquer ação baixa, por um profundo sentimento de honra, e um sublime impulso os incitava à realização das mais nobres ações. (JAEGER, 1986, p. 166)

Acertadamente, Jaeger afirma que, entre os gregos, os banquetes eram, desde Homero, locais onde se glorificava a tradição da *areté* em palavras poéticas e em cantos. Mais tarde, eles representavam também locais onde figuravam as formas fixas de sociabilidade de mestres e alunos, quando se estabeleceu uma relação íntima entre a tradição e a prática do evento do banquete e a escola filosófica. Assim,

era junto às mesas dos banquetes que era exposta a sabedoria cavalheiresca educativa de Teógnis de Mégara. Teógnis teve a certeza de sobreviver à sua época pela sobrevivência das suas poesias nos banquetes dos séculos futuros, e a sua esperança não o iludiu. A combinação da *paidéia* aristocrática de Teógnis com o amor do poeta pelo distinto jovem Cirno, a quem dirige as suas exortações, ilumina a relação existente entre o banquete e o *eros* educativo que inspirou o *Banquete* platônico. (JAEGER, 1986:497)

Jaeger remete-nos, assim, ao *Banquete* platônico. Com essa obra, temos a criação da forma filosófica dessa prática socializante que é o banquete grego. Quando Platão obriga as forças de *Eros* e *Dioniso* a se colocarem a serviço de sua ideia, “anima-o a certeza de que a filosofia infunde sentido novo a tudo que vive e tudo converte em valores positivos, mesmo aquilo que já bordejava a zona de perigo.” (JAEGER, 1986:498) Nesse sentido, o filósofo ateniense

atreve-se a instalar este espírito em toda a realidade circundante e está certo de que deste modo afluirão à sua *paidéia* todas aquelas energias naturais e instintivas que de outra maneira teria de combater em vão. Na sua teoria do *eros* lança uma audaciosa ponte sobre o abismo que separa o apolíneo do dionisiaco. Ele julga que, sem o impulso e o entusiasmo inesgotáveis e incessantemente renovados das forças irracionais do Homem, jamais será possível atingir o cume daquela transfiguração suprema que atinge o espírito, quando este contempla a idéia do belo. A união do *eros* e da *paidéia*, eis a ideia central do *Banquete*.

Como vimos, não era de si uma idéia nova, antes fora transmitida pela tradição. A verdadeira audácia de Platão consiste em fazer reviver esta idéia, sob uma forma liberta de escórias, enobrecida, numa época de sóbrio esclarecimento moral como aquela, que todos os sintomas predestinavam a sepultar no Hades o primitivo mundo grego do *eros* masculino, com todos os seus abusos, mas também com todos os seus ideais. É sob esta nova forma, como o mais alto vôo espiritual de duas almas intimamente unidas até o reino do eternamente belo, que Platão introduz o *eros* na eternidade. (JAEGER, 1986:498-499)

Jaeger aponta, então – o que nos remete ao esforço bourdieusiano de trazer à luz o que torna a obra de arte *necessária*, o seu *princípio gerador*, a sua *razão de ser* – para o fato de que esta forma filosófica platônica não era pura abstração metafísica:

Desconhecemos as experiências pessoais vivas que serviram de base a este processo de purificação. Sabemos que inspiraram uma das maiores obras poéticas da literatura universal. Não é só na perfeição da forma que reside a beleza desta obra, mas também na maneira como nela se fundem a verdadeira paixão, o alto e puro vôo da especulação e a força da própria libertação moral do Homem, que na cena final da obra se manifesta com triunfante audácia. (JAEGER, 1986:499)

É importante termos em mente aqui a advertência de Halperin quanto aos possíveis usos da categoria homossexualidade pelos historiadores. No *Oxford Classical Dictionary*, em seu verbete “homosexuality”, ele faz a seguinte distinção:

Não é ilegítimo empregar termos e conceitos sexuais modernos quando se interroga as fontes antigas, mas um cuidado particular deve ser tomado para não importar categorias e ideologias sexuais, ocidentais, modernas, para a interpretação da evidência antiga. Por essa razão, estudantes da Antiguidade Clássica precisam deixar claro quando propõem o termo “homossexual” descritivamente – isto é, para denotar nada mais que relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo – e quando o propõem substantiva ou normativamente – isto é, para denominar um tipo discreto de psicologia ou comportamento sexual, uma espécie positiva de ser sexual, ou um componente básico da “sexualidade humana”. A aplicação de “homossexualidade” (e “heterossexualidade”) num sentido substantivo ou normativo em expressões sexuais na Antiguidade clássica não é recomendável.⁵

Diferentemente dos outros historiadores da Era Pré-Stonewall que o sucederam temporalmente (Marrou e Flacelière), Jaeger – supondo-se que ele, embora não tenha tocado no assunto, tinha em mente a relação erótica da pederastia –, por um lado, não se refere ao homoerotismo grego com o termo homossexualidade (nem no sentido puramente descritivo, muito menos no sentido substantivo ou normativo). Ele tem o cuidado de se referir ao relacionamento pelo autêntico nome do fenômeno: pederastia. Por outro lado, não detrata o homoerotismo grego. Convencidos de que um historiador não deve fazer uso de juízos de valor em suas análises, ficamos curiosos em saber se ele dispensou ou dispensaria o mesmo tratamento à homossexualidade naquelas primeiras décadas do século XX. Dizendo de outro modo: será que Jaeger ana-

⁵HALPERIN, Entry “Homosexuality”, Oxford Classical Dictionary. “It is not illegitimate to employ modern sexual terms and concepts when interrogating the ancient record, but particular caution must be exercised in order not to import modern, western, sexual categories and ideologies into the interpretation of the ancient evidence. Hence, students of classical antiquity need to be clear about when they intend the term ‘homosexual’ descriptively – i.e. to denote nothing more than same-sex sexual relations – and when they intend it substantively or normatively – i.e. to denominate a discrete kind of sexual psychology or behaviour, a positive species of sexual being, or a basic component of ‘human sexuality’. The application of ‘homosexuality’ (and ‘heterosexuality’) in a substantive or normative sense to sexual expression in classical antiquity is not advised.”

lisou ou analisaria a homossexualidade, fenômeno moderno, isento de juízos de valor, como ele o fez com o fenômeno grego, a pederastia? O fato é no mínimo intrigante e surpreendente: em plena década de 1940, quando escreve o terceiro volume da obra, exatamente onde, servindo-se fundamentalmente do *Banquete* platônico, discute a pederastia, encontramos uma análise historiográfica que não trata a pederastia grega como homossexualidade e não a detrata como farão os historiadores essencialistas. Isto pode ser explicado, acreditamos, pela tradição historicista que está na base de sua abordagem. Segundo Reis, em seu nascedouro no século XIX,

O historicismo aceita a diversidade de éticas, que variam com as épocas e lugares. A moralidade se realiza em um mundo histórico objetivo, pois criação dos homens. A atitude concreta que o outro espera de mim nenhuma razão atemporal a determina. Não há decálogo de valores universais, válidos para todos. Os valores só se precisam, particularizando-se. Cada indivíduo vive em um certo universo histórico de valores. Cada sociedade cria seu conjunto de valores, que a mantém coesa. (REIS, 2003:210)

Portanto, Jaeger, devemos concluir, não se alinha à abordagem essencialista. Sendo assim, embora não possamos incluí-lo entre os autores que praticam a abordagem construcionista, sua análise da pederastia grega tem mais afinidades teóricas e metodológicas com esta abordagem que com aquela, pois, para o historicismo praticado por Jaeger

Todos os valores nascem em uma situação histórica concreta. O que nasce na história é em si um valor. Nenhum indivíduo pode ser julgado por valores exteriores à situação na qual nasceu, mas em seus próprios termos. Não há padrão universal de valores aplicável à diversidade do humano. Todos os valores são históricos e culturais. Não há direitos universais do homem. A história não obedece a leis gerais e não tende a um final universal comum. A humanidade é uma abstração. Ela não existe historicamente. Os homens são sempre de um tempo e lugar determinados e não há uma natureza humana transistórica. Em cada tempo e lugar, ele é outro, determinado, particular. Considerar que a história como determinação de um tempo e lugar ofusca, oculta ou deforma um homem essencial, substancial e invariável é negar a própria história. Os historicistas combatiam essas teses anti-históricas sobre a história e defendiam um homem multiforme, localizado e datado. (REIS, 2003:211)

A forma com a qual Jaeger situou e visualizou o fenômeno homoerótico grego, configurando-o em seus próprios termos e evitando, assim, os filtros modernos, foi a mesma com a qual situou e visualizou o tema central da obra: a *paidéia*. Em sua introdução, o autor adverte:

Paidéia, a palavra que serve de título a esta obra, não é um nome simbólico; é a única designação exata do tema histórico nela estudado. Este tema é, de fato, difícil de definir: como outros conceitos de grande amplitude (por exemplo os de filosofia ou cultura), resiste a deixar-se encerrar numa fórmula abstrata. O seu conteúdo e significado só se revelam plenamente quando lemos a sua história e lhes seguimos o esforço para conseguirem plasmar-se na realidade. Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego.

Não se pode evitar o emprego de expressões modernas, como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os Gregos entendiam por paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez. (JAEGER, 1986:1)

Em sua análise da educação grega e da pederastia que esta educação dava forma e razão de ser, Jaeger não foi ao passado com os valores do seu presente. Pelo contrário, seguindo uma cultura histórica historicista, abordou-o em sua diferença e em seus próprios termos. O resultado dessa operação historiográfica contabilizou uma clareza em termos de história conceitual no que se refere às categorias eróticas e uma lúcida compreensão da historicidade dos fenômenos eróticos: pelo menos quando se considera o fato de que ele não aplicou as categorias sexuais da modernidade à erótica grega, já que nada fala da conjunção carnal entre os participantes da pederastia. Se estivermos certos quanto a esse ponto, temos na obra de Jaeger uma operação historiográfica muito diferente da que se verá ser empreendida posteriormente até a década de 1960 no âmbito da historiografia francesa sobre a educação e a erótica gregas.

Referência Bibliográficas

- ARISTOPHANES. *The Clouds*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Frogs*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Lysistrata*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Thesmophoriazusae*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Ekklesiazusae*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTÓFANES. *Nuvens*. In: Teatro Grego, São Paulo: Editora Cultrix, 3ª edição, 1977. Tradução de Junito Brandão.
- ARISTÓFANES. *A Revolução das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. Tradução e adaptação de Mário da Gama Cury.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOVER, Kenneth J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- JAEGER, Werner. *Paidéia, a formação do homem grego*. São Paulo, Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1986.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975.
- PARK, Clara Claiborne. A reconsideration: Werner Jaeger's Paideia. *Modern Age*, Spring/Summer, 1984.
- PLATO. *Lysis*. Vol. III. Cambridge & London: Harvard University Press, 1991.
- PLATO. *Phaedrus*. Vol. I. Cambridge & London: Harvard University Press, 1995.
- PLATO. *Symposium*. Vol. III. Cambridge & London: Harvard University Press, 1991.
- PLATO. *The Lovers*. Vol. XII. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1986.
- PLATO. *The Republic*. Vol. V. Books 1-5. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1935.
- PLATO. *The Republic*. Vol. VI. Books 6-10. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1989.
- REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.